



Proust e a Filosofia: Uma entrevista com Gérard Bensussan

Proust and the Philosophy: An interview with Gérard Bensussan

Thiago Luiz de Sousa¹

Pedro Calixto Ferreira Filho²

Introdução

Gérard Bensussan (1948-) é um filósofo francês e professor da *Université Marc-Bloch* de Strasbourg. Especialista em Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854), Franz Rosenzweig (1886-1929) e Emmanuel Levinas (1906-1995), ele já escreveu vários livros envolvendo tais autores ou as problemáticas que eles despertam. Suas principais obras são: *Dictionnaire critique du marxisme* (1985); *Questions Juives* (1988); *La philosophie allemande dans la pensée juive* (1997); *Franz Rosenzweig. Existence et Philosophie* (2000); *Le temps messianique. Temps historique et temps vécu* (2001); *Qu'est-ce que la philosophie juive ? Desclée de Brouwer* (2004); *Heidegger. Le danger et la promesse* (2016); *Marx le sortant, Hermann* (2007); *Ethique et expérience. Levinas politique* (2008); *Dans la forme du monde. Sur Franz Rosenzweig.* (2009); *L'impatience des langues* (2010) Traduit de l'absolu. *Essai sur les Âges du monde de Schelling* (2015); *Les deux Morales* (2019); *Être heureux, ce qui dépend de nous et ce qui n'en dépend pas* (2019)³; Atualmente tal pesquisador, entre outras coisas, trabalha em sua próxima publicação que versará sobre Proust e a Filosofia.

Entre os dias vinte e nove de outubro e primeiro de novembro de 2019, o Núcleo de Estudos da Religião em Dostoiévski e Tolstói (NERDT), que é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e tem como pesquisador responsável o professor Dr. Jimmy Sudário Cabral, realizou seu III Seminário Internacional, contando com um

¹ Doutorando em Filosofia pela UFMG.

² Possui graduação em História da filosofia - Université Paris-Sorbonne (1997), graduação em Licenciatura em Ciências da Religião - Institut Catholique de Paris (1996), graduação em Lettres classique - Latin patristique - Institut Catholique de Paris (1996), mestrado em - UNIVERSITE DE SORBONNE - PARIS IV (1999) e doutorado em Filosofia - UNIVERSITE DE SORBONNE et UNIVERSIDADE DE SAO PAULO (2004). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora

³ Os resumos de tais obras e a indicação de em quais línguas elas se encontram disponíveis se encontra disponível no seguinte endereço eletrônico: <<<https://philo.unistra.fr/personnes/emerites/gerard-bensussan/>>>.

breve curso do professor Gérard Bensussan justamente sobre a temática de sua próxima obra, sobre Proust e a Filosofia⁴.

O início do curso se deu a partir da distinção entre memória voluntária e involuntária presente na obra de Bergson, com a intenção de Bensussan contextualizar a reflexão que ele iria propor acerca do pensamento proustiano. Esta contextualização introdutória serviu para nos revelar a tese que Bensussan pretendia defender, que a memória involuntária é aquilo que governa toda busca feita no conjunto de obras que compõem *Em Busca do Tempo Perdido*, escrito por Proust. Tal estratégia argumentativa, levou-nos a primeira pergunta de nossa entrevista com o professor, que tem como interesse saber sobre essa proximidade entre Bergson e Proust e uma possível influência deste filósofo nos escritos de Proust. Mas, por que este questionamento se faz necessário?

A leitura proposta pelo professor Bensussan enfrenta um grande desafio filosófico, que se encontra na afirmação de que o involuntário é o *lugar* onde se encontra a verdade. Além disso, Proust parece indicar que o encontro desta suposta verdade gera um sentimento de alegria em nós. Observemos as palavras do próprio Proust em *O Tempo Redescoberto*:

[...] pois, reminiscências como o ruído da colher ou o sabor de *madeleine*, verdades escritas por figuras cujo sentido eu buscava em minha cabeça, onde campanários, plantas sem nome, compunham um alfarrábio complicado e florido, todas logo de início, privavam-me da liberdade de escolher entre elas, obrigavam-me a aceitá-las tais como me vinham. E via nisso a marca de sua autenticidade. Não procurara as duas pedras em que tropeçara no pátio. Mas o modo fortuito, inevitável por que surgia a sensação constituía uma prova da verdade do passado que ressuscitada, das imagens que desencadeava, pois percebemos o seu esforço para aflorar à luz, sentimos a alegria do real recapturado (PROUST, 2004, p. 158).

Temos, assim, uma espécie de aventura que lembra muito daquelas que fazemos por meio da filosofia, uma vez que o alvo identificado como final é a verdade autêntica e as alegrias que dela provém. Neste sentido, a obra proustiana pode enriquecer os questionamentos filosóficos em seus níveis epistemológico, metodológico, ontológico e ético. Por isso, questionar a aproximação de tal pensamento com o de um filósofo profissional, como Bergson, se faz necessário. Porém, isso nos levou a uma segunda pergunta feita ao professor Bensussan em nossa entrevista: será que, indo além de uma aproximação, não poderíamos considerar Proust como um filósofo? Independentemente disso, também ficamos curiosos em

⁴ A tradução de tal curso foi realizada pelo professor Dr. Jimmy Sudário Cabral, assim como a mediação para realização da presente entrevista. Que fique registrada nossa gratidão a ele.

saber a relação dos escritos proustianos como um modo de idealismo, tema que abordamos na terceira pergunta de nossa entrevista. Uma das fontes de nossa curiosidade, se encontra no seguinte trecho de *A Fugitiva*:

A melhor parte da nossa memória está deste modo fora de nós. Está num ar de chuva, num cheiro a quarto fechado ou no de um primeiro fogaréu, seja onde for que de nós mesmos encontremos aquilo que a nossa inteligência pusera de parte, a última reserva do passado, a melhor, aquela que, quando se esgotam todas as outras, sabe ainda fazer-nos chorar (PROUST, 2012, p. 63).

Temos aqui uma certa convicção de que há um modo de conhecimento do real e este conhecimento é a melhor parte que ocupa nossa memória. Ora, se pensarmos em filosofia como um modo de trabalhar a memória voluntária e, assim sendo, um modo de conhecimento idealista, o trabalho que se faz com a memória involuntária, através de um romance por exemplo, seria rival à filosofia e, conseqüentemente, ao idealismo.

Embora Gérard Bensussan ainda não tenha publicado seu livro sobre o que trazemos na presente entrevista, que é a relação entre Proust e a Filosofia, já sabemos que teremos em breve uma obra que nos auxiliará tanto em nossas reflexões literárias, quanto filosóficas e interdisciplinares. Deste modo, vemos aqui o início de um filosofar, isto é, de uma leitura que se apropria e reescreve pensamentos, com a intenção de ampliar nossos horizontes intelectuais. Esperamos, assim, que nossa entrevista seja um convite para ler a obra do professor Bensussan e para novas aventuras filosóficas por meio de um caminho não-filosófico, com ou sem Proust.

Entrevista

1. Qual é a proximidade entre os pensamentos de Bergson e Proust?

A distinção entre memória voluntária e memória involuntária não vem de Bergson, ela vem de Proust. Em uma pequena passagem de uma carta, Proust chega a dizer que toda busca do tempo perdido, toda sua obra, repousa sobre esta diferença entre memória voluntária e involuntária. Alguns críticos de Proust, incluindo eu, pensam que a posição de Bergson e Proust são próximas. No entanto, a distinção entre memória voluntária e memória involuntária não se encontra em Bergson, como afirma o próprio Proust. Então, Proust recusa uma proximidade com Bergson. Porém, quando lemos o texto *Matéria e Memória* de Bergson, damo-nos conta de que ele é atento ao fenômeno da lembrança que se apresenta a nós sem que nós o

invoquemos. A distinção que Bergson propõe é entre uma memória provinda do hábito, por exemplo, quando decoramos algo, e uma memória da imagem, que poderia dar a pensar sobre a lembrança involuntária, mesmo não sendo o caso. Assim, tanto Bergson, quanto Proust, estão interessados na questão da memória, o primeiro como um filósofo profissional, o segundo como um romancista. Eu penso, em todo caso, que de maneira alguma o pensamento de memória em Proust teria sua origem no pensamento de Bergson. Os dois se interessam pela problemática da memória, mas são muito diferentes.

2. Podemos dizer que a aventura realizada por Proust é filosófica?

A grande aventura do pensamento proustiano é a arte, não a filosofia. Proust teve a ideia de se tornar filósofo profissional, ele tinha todas condições para isso. Entretanto, sua carreira se deu através da crítica tanto da arte, quanto da literatura e da filosofia também. Isto fica claro no momento da transfiguração que ocorre em o *Tempo Redescoberto*, onde, independentemente da questão de se essa seria um retorno a busca do tempo perdido ou uma nova obra, podemos constatar que a verdade para Proust está na arte. Assim, a verdadeira vocação para Proust está na arte e sua aventura é a de alguém que é artista, pintor, escritor, músico. É nesta aventura artística que podemos encontrar uma filosofia, ou melhor, uma crítica filosófica.

3. O conhecimento poético seria uma espécie de idealismo filosófico?

Podemos encontrar em Proust uma convicção profunda de que a arte, o poético – isso não é necessariamente a poesia, mas o poético – são modos de conhecimento do real mais apropriados do que o idealismo filosófico. Enquanto o idealismo filosófico seria uma inteligência *a priori*, o conhecimento poético estaria fundado em traços, conseqüências, que apenas a poesia, a arte, poderiam transcrever. Há uma certa hierarquia em Proust, onde a arte e a poesia ocupam um lugar privilegiado. Por isso, há uma certa rivalidade entre filosofia e poesia, filosofia e literatura.



Referências:

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido:** Tempo Redescoberto. Tradução: Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 2004.

_____. **Em busca do tempo perdido:** A Fugitiva. Tradução: Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Globo, 2012.

Recebido em: 16/05/2020

Aceito em: 16/06/2020